

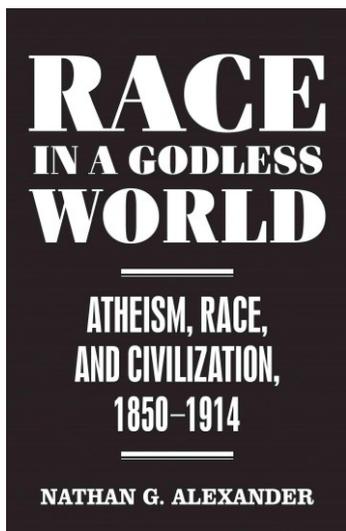
Race in a Godless World: atheism, race, and civilization, 1850-1914

Ricardo Oliveira da Silva ¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i42.61425>

ALEXANDER, Nathan G. *Race in a Godless World: atheism, race, and civilization, 1850-1914*. New York: New York University Press, 2019, p. 290.

Recebido em 03/09/2021 - Aprovado em 10/12/2021



Novas pesquisas sobre ateísmo estão aparecendo na historiografia de países de língua inglesa nos últimos anos. Victoria Smolkin (2018) publicou *A Sacred Space is Never Empty: a history of soviet atheism* (em tradução livre: *Um espaço sagrado nunca está vazio: uma história do ateísmo soviético*) e Christopher Cameron (2019), *Black Freethinkers: a history of african american secularism* (em tradução livre: *Livres-pensadores negros: uma história do secularismo afro-americano*). Soma-se a estes o livro *Race in a Godless World: atheism, race, and civilization, 1850-1914* (em tradução livre: *Raça em um mundo sem Deus: ateísmo, raça e civilização, 1850-1914*), de Nathan G. Alexander.

Nathan G. Alexander é historiador de origem canadense. Fez doutorado na Universidade de

¹ Doutor e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor-Adjunto no Curso de História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Nova Andradina/MS. Autor dos livros *História das Ideias: a construção da identidade* (2017), *Marxismo e Escrita da História: os intelectuais e a questão agrária no Brasil (1950/1960)* (2018) e *O Ateísmo no Brasil: os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI* (2020). Organizador da trilogia *Diálogos: estudos sobre teoria da história e historiografia* (2016-2018), e *História e Literatura: abordagens interdisciplinares* (2019). E-mail: ricardorussell@gmail.com

St Andrews (Reino Unido) e, mais recentemente, pós-doutorado no Centro Max Weber de Estudos Sociais e Culturais Avançados da Universidade de Erfurt (Alemanha). Sua área de pesquisa abrange a história da raça e do racismo, do ateísmo e da secularização.

Race in a Godless World é um trabalho de história intelectual que, tendo como pano de fundo as ideias seculares nos EUA e Inglaterra entre 1850 e 1914, apresenta as visões raciais dos ateus e dos participantes dos movimentos de livre-pensamento, estes caracterizados pela defesa da laicidade do Estado e de relações sociais sem tutela religiosa. Cabe ressaltar que, além das obras produzidas por intelectuais da época, Nathan G. Alexander utilizou como fonte jornais identificados com o secularismo de livre-pensamento, como *Boston Investigator* e *Truth Seeker*, dos Estados Unidos, e *National Reformer*, *Freethinker* e *Reasoner*, da Inglaterra.

A introdução de *Race in a Godless World* destaca que o secularismo no Ocidente, como forma de pensar o mundo e as relações humanas sob viés não-religioso, impactou a vida das pessoas. Uma discussão que se faz é a relação do secularismo com o racismo. De um lado, há o argumento de que, via ascensão de uma cosmovisão científica no bojo da secularização, começou-se a especular que diferentes grupos humanos podiam ter evoluído ou surgido separadamente. A partir disso, tornou-se “possível organizar essas raças em uma hierarquia ou mesmo considerar algumas como menos do que totalmente humanas” (ALEXANDER, 2019, p. 01 [tradução do autor])².

De outro lado, há o argumento de que as divisões religiosas ajudaram a estabelecer divisões raciais. Sendo assim, o declínio do cristianismo não apenas teria removido a noção de superioridade divinamente concebida, mas permitido que os seres humanos se vissem como seres que evoluíram ao longo do tempo a partir de um ancestral comum. Nessa visão, “o racismo não fazia sentido porque as raças eram todas partes da mesma história de descendência evolutiva, na qual diferenças físicas superficiais se desenvolveram ao longo do tempo, mas não tinham um significado teológico mais profundo” (ALEXANDER, 2019, p. 02, [tradução do autor]).³

Para Nathan G. Alexander, essas perspectivas conflitantes sobre a relação entre secularização e racismo, cada uma delas com certo grau de verdade, enfocam principalmente a influência das ideias cristãs sobre raça. O objetivo do seu livro é examinar as visões raciais dos ateus, tópico pouco abordado na historiografia. O argumento central do autor é que houve uma ambivalência entre ateus e livres-pensadores

² No original: “possible to arrange these race into a hierarchy or even to consider some as less than fully human”.

³ No original: “racism made no sense because races were all part of the same story of evolutionary descent in which superficial physical differences developed over time but had no deeper theological meaning.”

brancos dos EUA e Inglaterra sobre o discurso da superioridade racial e civilizacional produzido nesses países. Se, de um lado, eles se imaginavam integrantes do topo de uma hierarquia de raça e civilização no mundo, por outro lado viam que “a grande maioria de seus compatriotas era de cristãos que pareciam rejeitar os maiores dons do Ocidente, ou seja, a razão e a ciência, o que os levou a questionar estas mesmas noções de superioridade racial e cultural” (ALEXANDER, 2019, p. 04, tradução minha).⁴ Ou seja, como as sociedades as quais pertenciam poderiam ser o ápice da evolução humana, se nelas o cristianismo continuava sendo forte? Para muitos ateus e livres-pensadores a religião era sinônimo de atraso e ignorância.

O primeiro capítulo, “Adão e Eva foram nossos primeiros pais? Ateísmo e poligenia”, destaca duas teorias sobre a origem da humanidade no século XIX: a poligenia (origem múltipla) e a monogenia (origem comum). A poligenia foi posta como uma explicação científica para a diversidade humana, mas serviu como justificativa para a noção de que os grupos humanos podiam ser classificados em raças hierárquicas. Por outro lado, ela contradiz o relato bíblico da criação (descendência comum de Adão e Eva). Por isso, ateus como o inglês Charles Bradlaugh acompanharam o trabalho de antropólogos poligenistas, em particular de Josiah Nott dos EUA, de James Hunt e da Sociedade Antropológica da Grã-Bretanha. Mas, “mesmo que a intenção desses ateus brancos fosse principalmente desacreditar o Cristianismo, seu endosso da ciência poligenista também os encontrou endossando a hierarquia racial sem muitas dúvidas” (ALEXANDER, 2019, p. 30, [tradução do autor]).⁵

O segundo capítulo, “Homens brutos: raça e sociedade em evolução”, mostra o impacto da teoria da evolução de Charles Darwin no debate sobre a origem da humanidade. A teoria darwinista defende, em bases científicas, o princípio monogenista de que a humanidade descende de um ancestral comum. Contudo, ateus como Charles Bradlaugh não abandonaram por completo ideias poligênicas. Além disso, o capítulo aborda como o estudo de sociedades definidas na época como “selvagens” foi uma forma de explicar as origens da religião. Um exemplo foi o agnóstico estadunidense Robert Ingersoll, o qual, em palestra de 1872, explicou o desenvolvimento de ideias religiosas por meio de uma teoria climática: “Ele argumentou que os selvagens, aterrorizados com o poder inexplicável da natureza, viam isso como ‘malévolo’, o que os fazia [recorrer] à

⁴ No original: “the vast majority of their countrymen were Christians who seemed to reject the West’s greatest gifts, namely reason and science, which led them to question these same notions of racial and cultural superiority.”

⁵ No original: “Even if these white atheists’ intention was primarily to discredit Christianity, their endorsement of polygenist science also found them endorsing racial hierarchy without much question.”

oração, à bajulação, à adoração e ao sacrifício” (ALEXANDER, 2019, p. 78, [tradução do autor]).⁶

O terceiro capítulo, “Um Zulu londrino: selvageria e civilização”, evidencia a posição ambivalente de muitos ateus e livres-pensadores sobre o argumento de europeus e estadunidenses de serem o topo da pirâmide racial e civilizacional como justificativa para o imperialismo na África, Australásia e América. Muitas vezes, ateus e livres-pensadores viam paralelos entre as incursões missionárias dos imperialistas nas sociedades colonizadas e as experiências de perseguições que sofriam nos EUA e Inglaterra, ainda que nem todos se opusessem ao imperialismo em si. Além disso, a aparente falta de religião e crença em Deus por parte de alguns povos submetidos ao jugo imperialista foi usada como argumento por ateus, haja vista Charles Bradlaugh, para refutar a antiga tese do “consenso universal” de inexistência de povos sem fé em algum Deus (ALEXANDER, 2019).

O quarto capítulo, “Os sábios do Oriente: Índia, China e Japão”, aborda a posição de ateus e livres-pensadores em relação aos povos do Oriente. Nos meios intelectuais do livre-pensamento, havia tendência em ver esses povos como portadores de antigas tradições culturais que podiam oferecer ensinamentos, como o Budismo e o Confucionismo, tidos como “religiões ateias” por sua aparente rejeição ao sobrenatural. Tais posturas resultaram em diversas críticas às ações imperialistas nessas regiões, ainda que nem sempre motivadas por um ideal de respeitabilidade para com o outro. Esse foi o caso do líder secularista britânico George Holyoake: “ele contemplou uma retirada britânica da Índia - não por reverência pela cultura indiana, mas porque o caráter pobre dos indianos tornava o país ingovernável” (ALEXANDER, 2019, p. 122, [tradução do autor]).⁷

O quinto capítulo, “Os melhores amigos que o negro já teve: afro-americanos e ateus brancos”, trata das tensões nas posições de ateus e livres-pensadores brancos sobre a população negra dos EUA. As tensões apareciam na divisão entre os que tinham posições otimistas em relação às possibilidades de progresso da população negra com o fim da escravidão, vide Robert Ingersoll, e os que tinham uma posição pessimista, como o editor do *Truth Seeker*, Eugene Macdonald, que se opôs ao direito de voto para os negros no pós-abolição: “A verdadeira igualdade não pode ser legislada, argumentou ele, e fingir que o fato sociológico da inferioridade dos negros era mero sentimento,

⁶ No original: “He argued that savages, terrified of nature’s inexplicable power, saw it as ‘malevolent,’ which made them [resort] to prayer, to flattery, to worship and to sacrifice.”

⁷ No original: “he contemplated a British withdrawal from India – not out of reverence for Indian culture, but because the poor character of Indians made the country ungovernable.”

inadequado para o livre-pensador racionalista” (ALEXANDER, 2019, p. 174, [tradução do autor]).⁸

O sexto capítulo, "A maldição do preconceito racial: repensando a raça na virada do século", apresenta os argumentos contra o racismo enraizados em uma perspectiva ateísta e secular via Robert Owen, John Stuart Mill, J.M. Robertson e James Morton: ideias que enfatizavam as circunstâncias sociais, e não biológicas, na formação do caráter das pessoas, e a perspectiva darwiniana da origem comum. O capítulo ainda trata do Congresso Universal de Raças (1911), ocorrido em Londres, em que ateus e livres-pensadores denunciaram o preconceito racial como superstição irracional e não científica, em contraste com a lógica de usar a ciência para legitimar o racismo (ALEXANDER, 2019).

Na conclusão de *Rave in a Godless World*, é frisado mais uma vez o tema central do livro. Mas aqui há um avanço na cronologia com a apresentação de um breve panorama sobre as ligações entre o ateísmo e a questão racial nos EUA e Inglaterra nos séculos XX e XXI. Em relação a esse período, Alexander destaca o engajamento político e social de ateus e livres-pensadores negros, especialmente na luta pelos direitos civis nas décadas de 1950/60 (vide os Panteras Negras Stokely Carmichael e Huey Newton e as escritoras Lorraine Hansberry e Alice Walker). Já sobre os ateus brancos, permaneceu o dissenso que marcou as discussões do grupo no século XIX. A estadunidense Madalyn O’Hair e o inglês Bertrand Russell incorporaram em suas militâncias ateístas o combate ao racismo. Mas houve exemplos que caminharam na direção oposta. O jornal de livre-pensamento *Truth Seeker* foi controlado por racistas e antisemitas por muitas décadas ao longo do século XX. Mais recentemente, o supremacista branco Richard Spencer, que se identifica como ateu, foi gravado fazendo saudação nazista após a eleição de Donald Trump em 2018 (ALEXANDER, 2019).

O ateísmo é tema ainda pouco abordado na historiografia brasileira. É comum encontrar a opinião de que ser ateu/ateia é apenas ter uma postura de negação, no caso, em relação às religiões, não resultando na proposição de nenhum conteúdo e, em última instância, não possuindo elementos para uma análise histórica. O livro *Rave in a Godless World* não apenas evidencia a viabilidade da produção de uma história do ateísmo como realça de forma competente a riqueza de temas que esse objeto pode proporcionar.

⁸ No original: “True equality could not be legislated into existence, he argued, and pretending away the sociological fact of black inferiority was mere sentiment, unsuited to the rationalist freethinker.”

Referências

- ALEXANDER, Nathan G. *Race in a Godless World: atheism, race, and civilization, 1850-1914*. New York: New York University Press, 2019, p. 290.
- CAMERON, Christopher. *Black Freethinkers: a history of african american secularism*. Illinois: Northwestern University Press, 2019, p. 236.
- SMOLKIN, Victoria. *A Sacred Space is Never Empty: a history of soviet atheism*. New Jersey: Princeton University Press, 2018, p. 339.